

Das "caídas" e dos "tombos": Agência, Força e Poder dos Encantados no Terecô de Codó
(MA).¹

Lior Zisman Zalis (CES-UC/ Portugal)

Palavras chave: Terecô de Codó; Força; Agência.

*Quase eu caio
Na mina de ouro
Quase eu caio
Lá na mina de ouro
(Doutrina de terecô)*

Introdução

Este trabalho parte de uma pesquisa etnográfica que venho realizando desde 2022 junto aos praticantes do terecô² de Codó (MA), religião de matriz africana, e também junto aos encantados, as entidades que os acompanham. Com base nas vivências e histórias orais da religião que me foram compartilhadas, pretendo explorar como certas noções de força e agência se manifestam nas experiências das práticas religiosas e nas narrativas sobre o passado contadas pelos mais velhos e pelas entidades. Tanto a força, quanto a agência, são dinamizadas por uma gramática específica que investe de sentido as relações entre as pessoas e as entidades. Focando em dois conceitos que remetem à experiência de incorporação, “cair” e “tombo”, pretendo investigar os diferentes modos pelos quais a agência e a incorporação articulam, nos contextos de sociabilidade e de conflito, maneiras diversas de compreender o terecô e sua força.

Para isso, apresentarei brevemente o terecô de Codó e o contexto do tambor da mata³ nas tendas da cidade, situando o cotidiano religioso vivido por terecozeiros. A partir da análise do momento do tambor e dos diferentes movimentos que dele derivam, emergem certas noções de força das entidades e de como elas atuam sobre os corpos dos cavalos. Em seguida, com base em duas situações de conflito relacionadas à tomada de

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Os praticantes do terecô referem-se a si mesmos de muitas formas: “terecozeiros”, “brincantes”, “mineiros”, “macumbeiros”, “umbandistas”, “espíritas”, entre outros..

³ No terecô, tambor não é somente o instrumento, mas acontecimento. “Ir a um tambor”, “voltei do tambor”, “houve um tambor” remetem a um momento mais que o uso de expressões como “gira”.

corpos que vivenciei em campo, pretendo examinar a dinamização dessa força de forma heterodoxa em relação ao momento do tambor, seja pelos sujeitos que participam delas ou pelos contextos em que ocorrem. Por fim, fundamentando-me nas memórias da perseguição religiosa experienciadas pelos terecozeiros e encantados, e na noção de força que nelas é dinamizada, pretendo refletir sobre o poder e as formas de agência dos encantados, especialmente através da sua relação com o corpo dos agentes repressores.

A proposta deste trabalho é, portanto, analisar como a experiência do corpo, a autonomia sobre este corpo e as agências e forças das entidades não estão limitadas aos contextos das práticas das obrigações religiosas, mas desaguam para a vida dos brincantes. Segundo transmitem suas experiências com as entidades e com as dinâmicas espirituais da encantaria, podemos compreender que os brincantes estão sempre sujeitos à força dos encantados. Há também a possibilidade de serem deslocados, transladados, movidos, afetados e restringidos por eles. Há, ainda, uma acessibilidade cotidiana à sua força. Os encantados podem sempre aparecer, descer para conversar e aconselhar. São disponíveis não somente no contexto do tambor. Estão sempre olhando, cuidando e protegendo aqueles que escolheram montar.

O Terecô de Codó

*Eu vinha descendo da mata,
Quando eu vi bater tambor.
Aê minero,
Baiador de terecô.
Aê Mineiro,
Santa Barba me mandou.
(Doutrina de terecô)*

Segundo a literatura antropológica, o terecô tem como berço a Região dos Cocais, especificamente o município de Codó, interior do Estado do Maranhão, Brasil. Estudos atribuem uma provável matriz Banto, com influências jeje-nagô ao terecô (COSTA EDUARDO, 1948; FERRETTI, 2001; AHLERT, 2021), introduzidos por pessoas escravizadas de regiões da África como o atual Congo, Angola e Senegal, que foram levadas para o Brasil através do tráfico de escravizados para trabalhar nas lavouras de algodão no interior maranhense a partir do século XVII (COSTA EDUARDO, 1948). Sua origem, contudo, está restrita a alguns lugares específicos,

comunidades remanescentes de quilombo como Santo Antônio dos Pretos e São Joaquim de Alôlô, este último desaparecido, que os brincantes dizem ser o lugar da raiz do terecô, onde tudo começou. Uma complexidade de influências dificulta traçar uma origem no seu sentido genealógico, além de uma relação entre o terecô e a pajelança ser historicamente e cosmologicamente evidente (Nunes, 2014)⁴. Esta dificuldade resulta também da relação desta prática religiosa com o tambor de mina, a umbanda e o candomblé, que chegaram na cidade através de migrantes de outras regiões do país.

Por mais que terecô seja o nome mais usado para referir-se a essa religião, ela é acompanhado de muitos outros, como encantoria (encantaria e encanteria), tambor da mata, mata zombana, nagô, verequete, umbanda e macumba. O ritmo que é tocado é usado como um marcador de diferença sobre outras religiões. Nas tendas de terecô é o tambor da mata que predomina. As casas, tendas, barracões, salões, eiras ou terreiros são chefiadas por pais e mães de Santo, chefes ou zeladores/as de santo. Cada casa, além das obrigações e sessões semanais, realiza pelo menos duas grandes festas ou festejos por ano que podem durar de um a sete dias. Elas podem durar a noite toda até de manhã, sempre com muita cerveja, cigarro, forró, piseiro e aparelhagem.

A obediência, o cuidado, as obrigações e o zelo dos brincantes são feitos aos encantados, entidades que “baixam”, “montam”, “sobem em cima”, “encostam” nos corpos dos brincantes em diferentes contextos da vida social. Essa presença faz destas entidades seres que participam ativamente do cotidiano dos brincantes, entramando a vida humana com a não humana. Os encantados dizem que já foram gente, tiveram uma vida terrena, mas não morreram. Encantaram-se. Dividem-se em famílias, linhas e correntes, têm relações de parentesco, amizade e inimizade. Por terem provado da humanidade, fazem sobreviver nas suas relações os humanizados gostos e desgostos.

Codó ganhou sua fama de centro religioso por uma dessas linhas, a linha de Codó ou linha da mata, chefiada pelo Seu Légua Boji Buá Ferreira da Trindade, pai adotivo ou biológico de muitos encantados de lá. Eles compõem a família de Légua e dizem que as matas de Codó são sua morada (AHLERT, LIMA E ZALIS, 2024). Descem em diferentes terreiros do Brasil cantando Codó, carregando seu território para além dos limites da cidade. Tal mata não é só morada de encantado, mas espaço sobre o

⁴ No trabalho de Costa Eduardo, fruto de uma pesquisa de campo no início dos anos 1940 em São Luís e em Santo Antônio dos Pretos, comunidade remanescente quilombola próxima à Codó, era mais comum identificar a prática como “pajé” que como “terekô” (COSTA EDUARDO, 1948). Nunes (NUNES, 2014), em pesquisas de jornais codoenses do final do século XIX, identifica que a mídia utiliza o nome “pajelança” para referir-se a prática religiosa de Codó.

qual exercem domínio e por isso, certa gestão de entradas e saídas, autorização e autoridade, força e poder.

Cair na Mata

*Oiê oiô!
Se caboclo não vier,
Vou buscar.
(Doutrina de terecô)*

Em Codó, durante os festejos que acontecem nas tendas ou barracões de terecô, costuma-se comentar sobre a oscilação das forças do tambor. “Tambor tá fraco”, “tá murcho”, “tá frio”, “tá abafado”; ou, ao contrário, “tá arrojado”, “ta pegado”, “tá quente”. A força, ou a falta de uma, pode ser especulada por uma variedade de fatores. Obrigações religiosas da tenda, a relação e dedicação que o pai ou a mãe de santo tem com os seus encantados e os encantados da casa, a preparação e o autocuidado dos tamborzeiros e maracazeiros, entre outros influenciam diretamente sobre a força do tambor. Práticas anteriores ao festejo e durante o festejo, criam condições para que seja dinamizada certa força e, com isso, o tambor tenha força e os encantados venham.

O ritmo tocado é o da Mata, o que diferencia o terecô, por exemplo, do tambor de mina, tocado mais na capital São Luís. É mais acelerado, corrido, cuja intensidade é refletida não apenas durante as giras mas também na forma e intensidade corporal com a qual os encantados vêm. A “baia” implica um movimento em roda e anti-horário sob o eixo central da tenda. As pessoas, junto ao coletivo movimento circular, rodam também sobre si mesmas. Pouco a pouco, as doutrinas vão sendo puxadas e os médiuns vão caindo. É girando, entrando na “corrente”⁵, que os encantados vêm. Através dessa “baia” que o processo de incorporação também vai acontecendo. À medida que os médiuns vão girando e girando, os seus encantados vão fazendo-os cair.

Até o encantado “pegar” a pessoa, os corpos entram em um estado processual no qual o médium começa a sentir falta de ar, sensações na cabeça, fraqueza nos pés e no corpo. Pode permanecer assim até de fato o encantado pegar ela e “chegar”. O encantado pode chegar subitamente, como um susto. Um movimento brusco que o corpo sofre, como se tivesse sido

⁵ Corrente é um termo polissêmico. Ela pode indicar uma atmosfera criada durante o tambor a partir do movimento circular; o ordenamento e organização das pessoas em um espaço; a corrente também diz respeito a uma ordem e organização dos encantados de uma pessoa ou, ainda, a relação destes encantados com outros encantados.

assaltado por uma força que o desloca. Ele pode demorar a chegar, produzindo estados de profundo mal estar no médium. Se entre os presentes percebe-se que a pessoa está com dificuldades, criam-se práticas de cuidado no tambor. Redes e gestos de apoio criam condições para amenizar uma incorporação custosa, além de impedir que o corpo, então desestabilizado, tonto e instável, caia no chão. À medida que os médiuns vão girando e perdem orientação. Em muitos casos, outro brincante se posiciona atrás da pessoa, acompanhando-a, impedindo que o corpo irradiado choque com outros, ou com o próprio chão. Explicaram-me que um corpo que cai, literalmente, é aquele que não está bem preparado. Se cai, pode passar vergonha, especialmente se tiver dançando em uma tenda que não é a sua.

Quem faz as suas obrigações, quem tem disciplina e quem cuida bem da sua entidade, não cai. Fica *firme*. O pai de santo Zé Baixada, da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, durante uma conversa que tivemos ao longo de uma tarde, alguns dias depois do seu festejo de agosto, contou-me que tem muito orgulho de suas filhas de santo, pois elas não são de ficar caindo. Nas visitas a outras tendas, contou, não ficam “rolando no chão (...) Nós entra e sai todo mundo firmado”. Comentou que vê muitas brincantes de casas alheiras que, “na hora que é de brincar, elas faz é cair, sair rolando, fica sem força no salão. Só dando trabalho e fazendo figura”. Cai, portanto, quem não tem firmeza. Ou ainda não a desenvolveu. Cair não é de todo ruim, mas tem o seu momento. Para Zé, esse momento é na sessão, onde só estão os filhos e filhas de santo da casa e onde eles podem aprender a “baiar”.

As sessões, diferentemente dos festejos, são entendidas como espaços de desenvolvimento dos médiuns. Para Zé, quando são sessões batidas, momentos para os encantados se divertirem e brincarem, não há problema algum em cair. Ao contrário, faz parte da aprendizagem do cavalo com sua entidade. “Tem que cair para aprender”, disse. Na sua casa ele não levanta ninguém. Tampouco deixa outros levantarem: “É para deixar cair, que caindo que cria força, rapaz”, me disse. Cair, portanto, pode ser entendido como um processo atrelado diretamente à firmeza da entidade no corpo da pessoa ou a uma forma de estabilizar essa força.

Durante o tambor, quando o encantado chega, outros filhos de santo prontamente tiram a guia do seu cavalo, seu pano de cabeça e o que mais o encantado entender que não lhe pertence. Em seguida, veste sua roupa, seu chapéu ou seu lenço. Em terra, cumprimentam aqueles que estão dentro do salão ou assistindo nas janelas. Dão um beijo mútuo na mão ou com um cumprimento, abraçando e encostando peito com peito. Nesse momento, os encantados podem usar a desculpa do cumprimento para “puxar” o encantado de outra

pessoa, fazendo-a receber imediatamente a sua entidade. O ato de puxar o encantado é bem comum no terecô, o que faz algumas pessoas serem cautelosas ao serem tocadas por um encantado. Eles podem puxar por meio de um conjunto de gestos: abraçando a pessoa, soprando nas costas dela ou mesmo utilizando algum dos seus adereços vestidos, encostando-os na pessoa. “Puxa por que é da mesma corrente e aí eles chamam; ou porque eles gostam do encantado da pessoa e querem estar com ele”, me explicou o encantado Dois de Ouro, em cima de seu cavalo. No momento do tambor, qualquer um está sujeito a cair. Tambor pegado é um tambor que pega.

Ser afetado pelo ritmo da Mata não é uma experiência somente para aqueles que entram na gira, mas também àqueles que estão de fora. A noção do ritmo está atrelada também à possibilidade de outros entrarem nesse ritmo, de serem tomados por ele. É comum aqueles que somente “vêm olhar” caírem, começarem a passar mal e “baixar” encantado. Segundo a força do tambor e também segundo a doutrina que é cantada - pois cada doutrina está vinculada à um encantado, à força de um conjunto específicos de encantados ou à uma corrente e linha de encantado - pessoas que estão de fora da gira podem irradiar, ao que se recomenda entrar na gira para o encantado baixar ou para aliviar e “descarregar”.

Estar sujeito ao tambor, ainda, não apenas nos limites físicos do seu som, mas nas distâncias pelas quais reverbera. É como diz a doutrina: “Eu tava dormindo/ tambor me chamou/ Eu tava sentada/ tambor me acordou”. A força do tambor sujeita o corpo, desperta-o, acorda-o, levanta-o e leva-o para onde deve ir. É comum ouvir histórias de pessoas que são levadas de casa pelo seu encantado até a boca do tambor. Que são deslocadas, arrastadas, involuntariamente carregadas até a gira.

Conversando sobre “puxar encantado”, um brincante contou-me a história de uma mulher que recusou-se a ir a um tambor para ficar em casa namorando, mesmo sabendo que não se pode fazer “saliência” no dia da obrigação. Depois de namorar, acabou dormindo pelada em casa. Foi nesse momento que o encantado “pegou ela. Ajuntou ela nuíinha”. Levou-a ao terecô que estava acontecendo na casa da sua mãe de santo e chegou já em cima dela dançando e cantando. Assustadas, as pessoas prontamente enrolaram-na com uma toalha, com a qual ficou dançando os três dias seguidos do festejo. “Não subiu nem para a moça ir no banheiro”, falou. Concluiu a história falando que “quando eles pegam, a gente vai do jeito que tá”. Depois que presenciou essa história, esse brincante passou a tomar mais cuidado com o seu encantado. Mesmo quando não queria ir a uma obrigação e tomava a decisão de ficar em casa, ele começava a sentir a presença dele, o que o levava a vestir-se prontamente e ir para a sua tenda.

Nessas histórias dinamiza-se certa noção de involuntariedade e cuidado sobre o corpo que marca o cotidiano dos terecozeiros. Escutei algumas histórias de pais e mães de santo que no momento em que o tambor está para começar, eles chamam os encantados dos brincantes de casa. Se algumas destas filhas ou filhos de santo ainda não chegaram ou não querem aparecer, fazem o encantado “pegar elas” e levá-las para lá. O pai de santo Antonio Filho, da Tenda Espírita de Umbanda São Francisco e São Sebastião, quando começou a dançar na casa da sua primeira mãe de santo, chamada de Tereza Cega, falou que ela era das que faziam isso. Quando havia tambor na sua casa, “se a pessoa não vinha, ela fazia era trazer. Vinha já espritado”. O corpo, no terecô, está sempre sujeito a força das entidades. Está sempre sujeito a possibilidade de tomar um tombo.

O “tombo da maresia” foi uma expressão que ouvi da mãe de santo Luizinha quando se referiu à força dos encantados que tomam um corpo. E a gente nunca sabe de que lado essa maresia vem, como me confessou outra brincante. Esse tombo é um movimento categórico, incisivo. Um corpo que cai. A expressão “cair” é utilizada pelos brincantes também para descrever as primeiras incorporações que tiveram, ainda sem nenhuma iniciação ou preparo, ou de incorporações espontâneas durante um tambor. “Cair”, “pegar” ou “dar o tombo” delimitam uma involuntariedade, de algo que deixa de ser dono de si para ser tomado por outro.

Os de Fora para Dentro

*Tambor zuou, zuou zuou,
Eu vim rolando até a boca do tambor.
(Doutrina de terecô)*

Entender a gira como espaço de produção de forças é também compreender que aqueles que, pondo-se em contato com ela, podem sujeitar-se às suas operações. Nesse sentido, gostaria de explorar duas situações que ouvi em campo que tratam do exercício dessa força às pessoas que não só estavam fora do tambor, mas inclusive, contra o tambor ou buscando perturbá-lo.

Na manhã do dia 24 de agosto de 2022, terminava o tradicional festejo da Tenda Espírita de Umbanda Rainha Iemanjá depois de oito dias de obrigações na casa. Como ocorre todos os anos, o último dia de festa começava com uma “passeata”, onde os brincantes, encantados e convidados saíam da tenda e caminhavam pelas principais ruas do centro de

Codó em ritmo da Mata, dançando e cantando. O nome “passeata” em nada remete a uma passeata política, como explicam os terecozeiros⁶, apesar de ser um momento de visibilidade pública para um evento religioso que ocorre em tendas geralmente localizadas no fundo das casas. Essa disposição mais escondida faz com que muitas tendas não sejam notadas ou sejam às vezes difíceis de encontrar.

Nessa passeata, o caminho era desbravado por uma aparelhagem de mais de três metros que amplificava a música e a força dos tambores, tocada em cima de um carro de som na outra ponta da passeata. Em frente a aparelhagem, cujas caixas de som estavam viradas para o sentido oposto do trajeto, ou seja, para trás, estavam os brincantes, os encantados e quem quisesse se juntar. O público que assistia dava cerveja, era cumprimentado pelas entidades ou olhava, curioso, a multidão dançante. No momento em que saímos da tenda e dobramos a esquina, logo no início do percurso, havia uma Igreja Evangélica. Em frente a ela, um grupo de crentes se reuniam na porta rezando com os braços levantados de palma voltada para os brincantes. Alguns, inclusive, atiravam sal grosso nos brincantes como uma forma de “cortar a energia” deles.

Os brincantes passavam, olhavam, mas seguiam o fluxo da passeata, apesar de visivelmente incomodados. No centro da aglomeração evangélica, um adolescente que não deveria ter mais de 15 anos subitamente cai e levanta com o que parecia ser uma Pomba Gira - segundo foi comentado pelos presentes. Já “em cima” da criança, começou a dançar de forma efusiva, abrindo uma roda no meio dos evangélicos. Para aqueles que estavam na passeata, a situação suscitou graça e a entidade foi logo identificada. O humor e a provocação por parte dos brincantes tomou conta da situação. Ao mesmo tempo em que riam, diziam coisas como “vai ficar atacando, dá nisso aí”; “Encantaria é coisa séria, olha lá”; “Deu no que deu, esses evangélicos ficam de fuleragem, o encantado vai lá e pega ele, olha lá a Pomba Gira gargalhando”. Esses comentários duraram o dia todo, especialmente por conta de um vídeo da situação que circulou pelo whatsapp de todos: “olha lá o que a Pomba Gira fez com o menino”, “bem no meio deles”, “é pra eles aprenderem”.

⁶ Cícero Centrini, hoje pai de santo do terreiro Kamafeu de Oxossi, em São Luís (MA), foi filho de santo do Mestre Bita quando morava na cidade e contou-me que quem começou com essa “história de passeata” foi o próprio pai de santo Bita do Barão. Segundo ele, no final do festejo haviam muitos encantados que não queriam ir embora, não queriam subir, o que fez com que o Bita tivesse a ideia de continuar a festa “para eles” para além do espaço do salão, saindo para a rua com música, dança e cerveja. Era um grande evento no qual Bita ia descalço, muitas vezes com a sua entidade Rosa de Aruanda em cima, caminhando pelas feiras e interrompendo o trânsito das ruas movimentadas do centro de Codó. Cada ano, a passeata ia um pouco mais longe, até chegar ao percurso de hoje. A prática virou tradição nas outras tendas, cada uma com seu tamanho, percurso e formato.

Durante a situação, os evangélicos tentaram de qualquer jeito fazer a Pomba Gira subir, mas ela gargalhava no meio deles, dançando e fazendo movimentos bruscos e alongados. Buscaram sem sucesso conter o corpo da criança, segurando-a, mas ela tinha mais forças que todos os presentes juntos. Essa situação perdurou até a aparelhagem se afastar. A criança, então, caiu no chão junto aos braços do que possivelmente era sua mãe. Por fim, a Pomba Gira parecia ter subido.

A outra história foi contada por Zé Baixada, enquanto conversávamos sobre a intolerância religiosa para com as religiões de matriz africana em Codó. Ela ocorreu durante um dos seus festejos. Seu encantado o avisara que duas pessoas vinham tumultuar o seu festejo. Passou o recado para os seus filhos e filhas de santo, mas não os preocupou. Disse que ele iria cuidar disso. Na hora que esses dois homens estavam a caminho, sentiu a presença deles, avisando os presentes sobre as indesejadas visitas. Segundo me contou, eles vinham acabar com o tambor debaixo de bala e sob efeito da cachaça. Ele conta a história assim:

“Zé Baixada: (...) Aí eu comecei a fazer os trabalhos lá. Quando começou o tambor, chegou os homens lá. Os homens já tavam na porta, o cigarro dessa grossura na boca [fez um gesto com as mãos sugerindo um tamanho relativamente grande para um cigarro]. E eu disse pro porteiro não deixar entrar ninguém fumando. [Os dois homens chegaram na porta e o porteiro disse] “mas o homi disse para não deixar”, [os visitantes], “quem é que?” [O porteiro], “o chefe que tá aí dentro”, [os visitantes] “chama ele aqui então”. Aí me chamaram lá. E eu “o que é?”, [os visitantes] “É que eu quero entrar e o cabra não quer deixar porque eu tô fumando”, [Zé Baixada] “pois não fume mesmo não. O senhor vai fumar lá fora, ou então tu joga no mató e entra”. [os visitantes] “Ah, é assim?”, [eu] disse “é”. [Zé Baixada] “E você está armado de arma, me dê a arma aí”. Aí ele puxou tudo. [Zé Baixada] “me dá a outra também pra eu guarnece aqui e pode entrar. A cabaça aqui é sua, e aqui é sua...batê cabaça aqui pra mim”. Até de manhã. Só foram terminar tocando cabaça.

Lior: Ele sabia tocar cabaça?

Zé Baixada: Aprendeu na hora. Bateu cabaça até de manhã. E o pessoal encabulado. “Rapaz, mas esse homi vieram acabar com a macumba, mas fizeram é ajudar a macumba com a cabaça. Pois é”. (Zé Baixada, 20/10/2022)

Zé Baixada fez os visitantes indesejados ajudarem a obrigação no momento em que tentaram desafiá-lo. A resposta foi dada através do exercício do seu poder sobre seus corpos. Concluiu a história sugerindo, de alguma forma, que a existência da encantaria, no seu sentido de verdade, no seu sentido de agência manifestou-se enquanto resposta a uma provocação: “Pega ele, bota no cabo da cabaça pra ele bater até de manhã pra ele saber que aquilo existe”, contou.

Tanto a história de Zé, quanto a da passeata, tratam do exercício de uma força sobre corpos alheios que de alguma forma entram em conflito com os brincantes ou com os

encantados. Como resposta a essa provocação, são tomados, subjugados, controlados por esta força. A frase “vieram acabar com a macumba, mas fizeram é ajudar ela”, trazida pelo pai de santo, evoca algumas das histórias que escutei em campo quando me contavam sobre o passado do terecô de Codó, especialmente sobre o período em que os tambores eram proibidos e que a polícia vinha acabar com eles (ZALIS, LIMA E AHLERT, 2023). Como me disse a mãe de santo Maria dos Santos, da Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara, nesse passado os policiais “vieram acabar com o terecô, mas acabaram é caindo nele”. Seja na passeata, no tambor ou nas histórias do passado, o confronto com a encantoria é respondido com um “trazer para dentro”, juntar-se ou ser afetado pela sua força.

Políticas do Despiste

*Quem sabe sabe,
Eu não sei a lei.
Meu segredo eu não conto para você.
(Doutrina de terecô)*

Como contam os mais velhos, o passado do terecô é marcado por um tempo⁷ em que “se batia tambor escondido”. A perseguição se dava através de batidas policiais nas casas e tendas da cidade, bem como no meio das matas, lugar onde muitas ocorriam. Quando encontravam o tambor, os relatos eram de muita violência e a prisão dos envolvidos. Para fugir da violência do Estado, o terecô acabou sendo praticado no fundo das casas residenciais ou no meio das matas de coco babaçu, em espaços mais afastados da cidade, perto de rios ou lagoas. O toque era mais silencioso, muitas vezes sem um tambor, usando bambus, palmas e outros instrumentos cujo som não permitisse que a polícia os encontrasse.

Noturnos e escondidos, os rituais ainda assim estavam suscetíveis à perseguição e violência estatal, demandando certos modos de encobrimento e escape. O encantado Caboquinho em cima da Dona Raimunda, contou-me que quando os policiais chegavam nas matas, ouviam o toque e entravam para buscá-lo, mas dificilmente o encontravam. Escutavam um som e caminhavam naquela direção, mas no meio do caminho o som mudava de lugar, fazendo-os se perderem. Seguros da direção que iam, os policiais eram levados a caminhar por horas, mas não o encontravam. Outros interlocutores contam que caminhavam muito,

⁷ Esse “tempo” é difícil de precisar, especialmente por conta da falta de registros. Há relatos de perseguição desde o final do século XIX, embora, segundo os interlocutores, esse tempo parece estar situado na primeira metade do século XX.

mas acabavam aparecendo do outro lado da cidade ou um lugar pouco óbvio para o percurso que faziam.

Os caminhos nunca levavam ao destino, não somente por dissimulação, mas também por fechamento. Dona Mazé, contou-me que os caminhos eram fechados com rezas. As matas se fechavam cobrindo o caminho com espinhos: “Procuravam a noite toda e não encontravam o terecô”. Uma das formas de esconder os caminhos era através do que o encantado Pombo Branco de Aguiar, em cima de um jovem brincante, chamou de “benzer pano preto”: colocava-se um pano preto em uma corda de forma que ele ficasse suspenso e estendido; então o chefe ou a chefe - uma forma antiga no terecô de chamar o que hoje se identificam os pais e mães de santo - benzia esse pano e rezava nele para que os caminhos se fechassem.

As práticas de encobrimento não eram restritas ao espaço das matas, como me contou Seu Piauí, neto da famosa mãe de santo Maria Piauí. Sua avó fazia bem os trabalhos para que nenhuma autoridade encontrasse os tambores: “Tavam ali em frente da casa mas parecia que não viam ela”. O pai de santo Roberto, contou-me algo similar. Fazia-se

“(…) feitiço para cegar as pessoas. Perdiam o caminho e partiam para outros. A polícia chega, a polícia ia via o santo sempre pra acolá, mas o santo era para cá e daí ficava doido. Não sabia onde se achava. (...) O pai de Santo que fazia isso, as suas entidades, com seus dom, as suas coisas que tinha que se preparar antes de bater um tambor, tinha que se preparar para não poder ser visto, que era proibido” (Entrevista com Roberto, 08/01/2023).

Um encantado que não quis se identificar, em cima de uma brincante, me disse que se fazia muito feitiço para impedir que se achassem os tambores. Segundo ele, era uma prática que dava muito trabalho e demandava muita força, “os pais e mães de santo, eles davam um jeito”, disse, e que, naquele tempo, havia muito preparo antes do festejo, como obrigações e trabalhos espirituais para se proteger. Como uma espécie de política de despiste, alteravam as percepções, os caminhos e as direções para que ocorresse certas modalidades de dissimulação.

Uma questão, nesse sentido, de ficcionar visualidades em que o feitiço atua também sobre a visão. Uma defesa pela manipulação da imagem, ou pela falta dela. Nessa dinâmica de aparecimento e desaparecimento, os pais de santo sabidos transformaram as matas, faziam sons percorrem diferentes caminhos, desorientavam a polícia. Dessas histórias, podemos entender que esconder-se não era apenas um movimento no espaço, mas sobre o espaço. As matas e as casas eram movimentadas, movidas, mudadas. Essas dissimulações e enganos dinamizavam uma gestão tática dos caminhos e uma gestão estratégica dos espaços. No exercício de ficcionar sons, utilizar plantas para transformar caminhos ou mesmo para fazer

desaparecer, o território comportava dinâmicas próprias de encontros e afastamentos, acessos ou obstáculos, aparecimento e desaparecimentos. O espaço das matas e das casas, lugares de agência das entidades, eram transformados.

Seu Bigobar, pai de santo de Santo Antônio dos Pretos, hoje falecido, contou a Martina Ahlert que “só entra na mata quem o encantado deixar” (*apud* AHLERT, 2021: 67), indicando uma relação de poder sobre certos espaços dos quais fazem parte, gerindo entradas e saídas. As matas assumem um “signo que carrega em torno de si diversos elementos, como a valentia das entidades, os sentidos de proteção e liberdade” (AHLERT, 2021: 76). Seria ainda, tal qual o espaço da tenda onde hoje acontecem os tambores, um lugar onde certas forças e agências são mobilizadas. Essa forma de produção dos espaços, de intervenção sobre os espaços ou e de acesso sobre o espaço remetem às matas como um lugar de “governo dos encantados” (AHLERT, 2019: 56)⁸, através do qual se criam as condições para certos modos de agência. Entre a repulsão e o acolhimento - ou a repulsão através do acolhimento, como veremos - aparecem as histórias de perseguição e resistência àqueles que são afetados pelas forças da encantoria.

O Tombo de Vitorino

*Eu mandei chamar delegado, foi para vim baiar no Codó.
Mandei chamar delegado, para vim baiar no Codó
Oh lê lê delegado, me vê baiar no Codó,
Mandei chamar delegado, pra vim baiar no Codó.
(Doutrina de terecô)*

A história de um corpo em particular destaca-se quando fala-se desse tempo passado da perseguição: o do Tenente Vitorino. Segundo a história oral, Vitorino era um policial militar de alta patente alocado na Delegacia de Polícia Militar em Codó por volta dos anos

⁸ Explorando a questão da limitação de agência dos humanos na sua relação com os encantados, Martina Ahlert recupera o conceito de “governo”, uma expressão que é bastante utilizada pelos brincantes e no Maranhão em geral para suscitar momentos de perda de um certo controle ou autonomia [não se governa] ou, ainda a sua retomada [eu me governo]. A expressão “governo” emergiu durante seu campo indicando um desequilíbrio de forças entre o médium e sua entidade, na qual esta influencia diretamente nas suas decisões e modo de viver daquela. Como explicou a mãe de santo Luiza à Ahlert: “tem que viver para eles. [A pessoa] não se governa. Ela é governada. É ou não é do jeito deles”. (*apud* Ahlert, 2019: 56). Na sua ideia de “governo dos encantados” (Ahlert, 2019: 56), formulada a partir de histórias de pais e mães de santo de Codó, há uma problematização da noção de autonomia dos sujeitos junto às dinâmicas de interações e os aparecimento dos encantados e suas diversas agências no mundo (Ahlert, 2019: 51). A condição humana, como aponta Ahlert, “ainda que necessária para a vinda de um encantado (na medida em que se ocupa de um corpo), tem suas limitações diante do governo dos encantados, pois, como afirmou a Dona Luizinha, *a gente nunca vai saber a realidade toda da encanteria*” (Ahlert, 2019:56).

1930 e 1940, lembrado pelos brincantes como um “homem muito mau”, “valente”, “que batia em macumbeiro”. “Você já ouviu falar no Tenente Vitorino?”, perguntavam-me quando tocava no assunto do passado do terecô, como se Vitorino orientasse um marco temporal, uma unidade de tempo, o “tempo do Tenente Vitorino”⁹.

Como me contou o pai de santo Domingueiros, da Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara, Vitorino era o homem “mais mal na face da terra”:

“Esse tenente Vitorino era o cristão mais mal que existia na face da Terra. É através de tenente Vitorino que tinha esse sofrimento. Mas ele penou bem. Esse foi um que encantado deu tombo. Deu tombo, quando espantou que não estava lá dentro do terreiro. Acordou, tá dentro do terreno. Ali que foi maneirando, porque ele foi botar na mente que existia aquilo ali”. (Entrevista com o pai de santo Domingueiros, 20/10/2022)

Vitorino *tombou e caiu* muitas vezes, segundo as diferentes narrativas que contam em Codó. A história que mais escutei, em diferentes versões, foi a do tombo que levou em Santo Antônio dos Pretos. Dona Cleude, moradora de lá, contou-me uma história na ocasião em que estive na sua casa durante um “pagamento de visita”¹⁰ da tenda que eu acompanhava, a Tenda Espírita de Umbanda São Domingos. Estávamos no sofá de sua casa conversando sobre as diferenças entre o terecô de hoje com o de antigamente, o que a levou a contar essa história. Evocou a história dos despistes e das matas que se fechavam, mas em determinado dia teria havido porém. Ao saberem que era o próprio Vitorino que viria, os encantados “combinaram de deixar eles encontrarem o tambor”.

Como em Santo Antônio dos Pretos não se batia tambor em salão, mas nas matas, o lugar era de difícil acesso. Vitorino vinha lá de Codó. Colocou seus policiais num camburão e trouxe mais quatro carros. Nesse dia a mata não tava fechada, a “via tava livre para eles encontrarem”. Quando entraram na eira, com Vitorino na frente, ele foi recebido com um encantado de cada lado e no meio deles estava Coli Maneiro, outro encantado, que montou no

⁹ É preciso destacar a dificuldade de encontrar registros oficiais que corroboram com uma evidência documental quanto à existência, o cargo, a função e o período exato no qual Vitorino esteve na delegacia de Codó. Essa dificuldade se dá, em primeiro lugar, pela ausência de registros oficiais da delegacia de polícia, que teve grande parte dos documentos dos anos anteriores à 2010 danificados por uma enchente e por uma transferência de sede da praça Ferreira Bayma para a Av. Santos Dumont, próxima à praça São Sebastião, que parece ter resultado na perda de inúmeros documentos, livros de denúncias e boletins policiais. Em segundo lugar, da mesma forma que a patente de Vitorino não era clara, podendo ser um delegado, tenente ou mesmo um policial, é lembrado como um nome sem sobrenome, dificultando a sua identificação em registros oficiais. Sua existência, contudo, é patente na memória e nos registros orais, transmitidos por aqueles que tiveram um contato direto com ele ou que apenas conheceram a história através dos mais velhos.

¹⁰ O pagamento de visita é uma prática no terecô de visita mútua entre as tendas. Durante um festejo, as tendas visitam para, quando fizerem o seu festejo, serem visitadas. Para mais sobre essa prática ver: LIMA, 2019.

Tenente Vitorino e baiou terecô em cima dele a noite toda: “caiu dentro desse terecô com tudo”. Depois de baiarem no salão a noite toda, pela manhã pegaram o carro e colocaram o “pessoal lá, com tambor e tudo” e foram até Codó continuar brincando terecô. Entraram na delegacia “baiando e tudo com seu Coli Maneiro em cima nele”. Depois que contou a história, Dona Clude cantou o seguinte ponto:

Baia, baia, baia,
Baia baiadô.
Tenente Vitorino quer acabar com o terecô.
Tenente Vitorino, é homem não é menino,
Quer acabar com o terecô com cipó de Tamarindo.
Baia, baia, baia,
Baia baiadô.
Tenente Vitorino, é um homi muito maligno,
Quer acaba com o terecô, com cipó de Tamarindo.

A música, dizem alguns terecozeiros e encantados, foi cantada no momento em que Vitorino cai em Santo Antônio dos Pretos e começa a “bair”. Ela coagula a narrativa nas suas variadas dimensões: a maldade de Vitorino [“é um homem muito maligno”], a perseguição à religião [“quer acabar com o terecô”] e a *baia* [“Baia, baia, baia / Baia baiadô”]. A doutrina de Vitorino, nesse sentido, parece adquirir um papel historiográfico, pontuando um momento histórico no terecô, além, claro, da capacidade das doutrinas de ativarem forças e poderes na dinâmica do tambor. Tal doutrina trata de um tempo e de um evento. Surge, assim, de um acontecimento que é cantado e tocado em tambores presentes e futuros.

Conheci seu Coli Maneiro em cima do Pai de Santo Zé William, da Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara da Morada Nova, próximo à cidade de Lima Campos, e fui perguntar para ele a sua versão da história: “Foi desse jeito. Ele veio acabar com o terecô e eu fui lá e abracei ele. Depois disso o terecô foi liberado no Maranhão”. Essa versão foi também contada pela encantada Chica Baiana, em cima do pai de santo Pedro de Oxum: “Tenente Vitorino se perdeu na mata do Santo Antônio, meu filho, quando ele achou terreiro de Santa Bárba, ele dançou nagô com os samango dele tudinho, que quando desincorporou tudo disse: a partir de hoje terecô ta liberado no Codó”. Domingos, filho de sangue do pai de santo Zé William, referiu-se a esse momento como uma revolução e um marco temporal dentro da história do terecô, como se a partir daquele momento o terecô tivesse sido liberado: “Em Santo Antônio dos Pretos foi a revolução, né? Todo mundo tocava terecô escondido. Quando esse fato acontece em Santo Antônio, as outras entidades começam a liberar também”. Quando me contaram essa história, tanto a mãe pequena da Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara, dona Teresa, quanto a mãe de santo Maria dos Santos, entre gargalhadas e deboches falaram:

“Quis acabar com o terecô, mas acabou caindo nele”. E Maria dos Santos acrescentou: “É, meu filho, o terecô venceu”.

Uma vitória produzida por um outro modo de derrubada. Uma vitória que não é da ordem do confronto, do embate, da oposição. Uma vitória que não é, ainda, da ordem da destruição, ao menos da destruição do vencido. É uma vitória que esteja mais na ordem da assimilação. Uma vitória por assimilação na qual o corpo estranho, o corpo intruso, o corpo estrangeiro é, antes, capturado. Vitorino não está mais lá. Apossado e tomado, o corpo de Vitorino para ser mais um entre outros que “baiavam”. À medida em que conversava com diferentes pais e mães de santo, encantados e brincantes, ouvia outras histórias desta figura. Todas elas tratavam, de diferentes formas, do fracasso de Vitorino. Ele e seus policiais sempre perdiam. Essa derrota repete-se como um padrão narrativo, sugerindo sua figura como uma espécie de cifra narrativa do fracasso do poder repressivo do Estado frente à agência e a própria força da encantoria.

É o caso da história que escutei da mãe de santo Terezinha de Jesus, antiga nas encantarias de Codó sobre outro de seus tombos. Disse-me que viu isso acontecer quando brincava numa tenda em Alta Alegre, próximo à Codó, da mãe de Santo Dominga, que recebia o encantado Caboclo Cearense, na época em que seu tio dançava lá. Terezinha diz que durante um tambor chegou um homem todo fardado perguntando “Quem é o Dono desse serviço aqui?”. O Caboclo Cearense logo se apresentou na porta e respondeu “Não é serviço, é obrigação”. O homem replicou que o Tenente Vitorino estava ali na mata e mandou avisar para acabar com o tambor. “Pois chame esse tal de Vitorino aqui para eu falar com ele”, disse Caboclo Cearense. Vieram em seu lugar dois capangas, mas no momento em que pisaram no salão, caíram. “Dançaram a noite toda, dando cambalhotas, rolando...O tambor parava e eles continuavam dançando”, contava. Por fim, veio o Tenente Vitorino para resolver a situação, mas não livrou-se do mesmo destino: chegou logo tirando a botina, jogando-as no canto, levantando as calças e “caiu” no terecô: “Ele dançou, rodou, ficou batendo cabeça. Caboco Cearense pediu uma cadeira e ficou só olhando”. Os brincantes falavam com o Caboclo pedindo benevolência: “já tá bom moço”, “deixa eles, que eles já entenderam o recado”, mas a entidade permanecia intransigente: “Deixa eles, tão fazendo obrigação” e abandonava-os aos movimentos violentos, e se debatiam rolando com o tambor pegado. Quando a obrigação terminou já era de manhã e então a entidade permitiu o retorno dos policiais ao seu corpo. Juntaram suas coisas, calçaram seus sapatos e foram embora. “Depois disso libertaram o terecô”, disse.

Nessa política da caída, a resistência não pode ser desvinculada da sua dimensão religiosa. Como um movimento tático, os corpos não se confrontam. São tomados. Diferente das barricadas, dos protestos e das passeatas, a agência política é um corpo condicionado ao movimento. Um corpo que, mais que interrompido, mais que assassinado, mais que atingido, é apreendido. Nas histórias, submeter-se ao ritmo do Terecô é transformar a autoridade performativa do Estado, subjugando-a e colocando-a em outro lugar. De alguma forma, através dos corpos que dançam, o poder é deslocado. É, ainda, desmoralizado, invertido, desconstruído. É um gesto de sobreposição da força do terecô à do poder Executivo. O Estado sucumbe à dança. Trata-se do uso do “aparelho”¹¹ do aparelho estatal para dançar a noite toda e sustentar aquilo mesmo que se buscava reprimir. Baiar é uma forma de manter a força circulando e fluindo, sustentando a energia vital, a força do terreiro. Como resposta à violência estatal, um corpo é posto a baiar no ritmo da mata.

Considerações Finais

A partir da gramática da incorporação no terecô, poderemos compreender algumas agências que operaram durante o período de perseguição religiosa. Nesse vocabulário, “cair”, “tombo”, “ajuntar” ou “pegar”, dentre outras, são conceitos que evocam uma relação própria entre o encantado e a pessoa, especialmente àquele em que o corpo do cavalo, o médium, é tomado, controlado ou “governado” pela entidade. Esses mesmos conceitos passam a descrever práticas de resistência dos terecozeiros e das entidades frente à perseguição policial ou também a situações de conflito, como no caso contado por Zé Baixada ou na Pomba Gira na passeata. Neles, essa gestão sobre o corpo humano opera nas fronteiras entre as práticas religiosas de cuidado e obrigação para com o sagrado e as práticas do que podemos entender enquanto resistência ou políticas, pois são responsivas a formas de violência.

Nas experiências contemporâneas do terecô, pessoas de fora são levadas para o tambor, caem quando menos esperam ou são colocadas para participar de uma obrigação, mesmo quando vêm para atrapalhá-la. Essas experiências ressoam com as histórias do tempo da perseguição religiosa. Podemos inicialmente analisar essas narrativas como uma expressão singular e não secular de certa experiência de ação política. No entanto, elas parecem estar mais atreladas a uma dinâmica intrínseca de

¹¹ Uma expressão utilizada para se referir ao médium.

poder, força e de relação com as entidades dentro do próprio terecô. Essa relação amplifica a noção de “caída” e de “tombo”, junto a outra gramática da incorporação como práticas que também podem ser responsivas ou agências que visam interromper ou reverter alguma forma de perturbação do tambor. Ao explorar essas histórias do presente e do passado, emergem reflexões mais profundas sobre como a gestão da autonomia das pessoas, sua agência e a força das entidades se inscrevem nas relações dentro do contexto do terecô.

Bibliografia

- AHLERT, Martina. Notas sobre o governo de coisas e corpos na encantaria maranhense. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 15, n. 30, p. 49-66, 2018
- AHLERT, Martina. *Encantoria: uma etnografia sobre pessoas e encantados em Codó (Maranhão)*. Curitiba, PR: Kottter Editorial, EDUFMA, 2021.
- AHLERT, Martina; LIMA, Conceição; ZALIS, Lior Z.. Morada dos Léguas, terra de encantaria: religião e cidade em Codó (Maranhão). *Anuário Antropológico*, v. 49, n.1, p. 172-190, 2024
- COSTA EDUARDO, Octávio. *The negro in Northern Brazil: a study of acculturation*. New York: J.J. Austin Publisher, 1948.
- FERRETTI, Mundicarmo. *Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?* São Paulo: Siciliano, 2001.
- LIMA, Conceição. *Pagamento de tambor: conexões e visitas no terecô em Codó*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/CCH) - Curso de Ciências Sociais - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.
- NUNES, Herilton R. Perseguição religiosa: a pajelança na imprensa codoense entre os anos de 1894-1896”. *In*: FERRETTI, Mundicarmo (org.). *Um caso de polícia: Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977*. p. 75-86. São Luís: EDUFMA, 2015.
- ZALIS, Lior Z.; LIMA, Conceição; AHLERT, Martina. Enfrentamentos e dispersões: Agência, força e ação política no Terecô de Codó (MA). *ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 10, n. 24, p. 219-236, 2024.